



MEIER, John Paul. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico, Vol 2, Livro 1, mentor*, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, 311 pp.

John P. Meier é padre católico, ex-professor da cátedra de Novo Testamento no Departamento de Estudos Bíblicos da Universidade Católica da América do Norte, onde começou a lecionar em 1984. Atualmente é professor de Novo Testamento na Universidade de Notre Dame em Indiana. É detentor de um doutorado em Escrituras Sagradas (1976) no Instituto Bíblico, em Roma, onde concluiu a pós-graduação com louvor máximo e recebeu a medalha papal de ouro. Ele havia recebido as mesmas homenagens em 1968, quando concluiu o programa de teologia da Universidade Gregoriana. Ele é ex-presidente da *Catholic Biblical Association* (1990-91), autor de numerosos livros e artigos amplamente publicado numa série de revistas e obras de pesquisa. Foi o editor do *Catholic Biblical Quarterly*.

A obra *Um Judeu Marginal* não é um projeto autônomo. Faz parte de um outro mais amplo, a *Anchor Bible Reference Library* e, portanto, o autor não pode ficar restrito a exibir somente suas próprias posições, deixando de lado vozes contestatórias e contrárias. Como qualquer "biblioteca de referência" requer uma amostragem relativamente ampla e representativa de autores e opiniões. Em razão disso, as conclusões obtidas pelo autor resultaram nesse material tão volumoso. A obra consiste em quatro volumes, os quais publicados em língua portuguesa já possuímos três (até 2003). O estilo de Meier é bem parecido com o de outro padre, já falecido, Raymond Brown. Meier não comete os excessos de outros pesquisadores atuais. Sempre



equilibrado e comedido utiliza o método histórico-crítico na sua forma mais sadia. Suas fontes se restringem principalmente aos Evangelhos canônicos – quem pretende ver nessa obra uma análise baseada nos apócrifos está procurando no local errado – os Evangelhos são a principal fonte, para Meier, da busca do Jesus histórico.ⁱ

O volume Um de *Um Judeu Marginal* é amplamente programático. Apresenta o problema do Jesus histórico, o método a ser usado para enfrentar o problema, informações sobre as origens e os antecedentes de Jesus e, por fim, uma cronologia aproximada de sua vida. O volume Dois dessa grandiosa obra começa a enfrentar diretamente as palavras e atos de Jesus durante seu ministério público. Esse volume é dividido em três livros: Mentor, Mensagem e Milagres. Mentor é aquele que nos propomos a resenhar no momento. Esse livro lança as luzes sob a pessoa que teve a maior influência individual sobre o ministério de Jesus – João Batista. Esse livro é parâmetro para qualquer pesquisa sobre esse personagem e sua relação com Jesus, pois na maioria das vezes obras que possuem como tema o Jesus histórico relegam apenas um pequeno espaço à análise desse importante personagem contemporâneo de Jesus. Ele é tão importante para compreendermos quem foi Jesus que das poucas coisas as quais sabemos do Jesus histórico é que ele foi batizado pelo Batista para a remissão dos pecados, conseqüentemente nos revela que Jesus aceitou a mensagem desse profeta. Meier mostra ao leitor que esse fato foi muito contrangedor para o cristianismo primitivo e que cada evangelista tentou à sua maneira neutralizar a relação do Batista com Jesus.

Sendo assim, no primeiro capítulo do livro que corresponde ao capítulo 12 da obra ("João sem Jesus: o Batista em seu Próprio Rito"), Meier com auxílio de Josefo e também dos Evangelhos, procura entender o ministério, a pregação, o batismo e a



morte de João independente de qualquer ligação que ele pudesse ter tido com Jesus. Nesse capítulo, o autor nos passa o seguinte retrato do Batista: ele foi um profeta judeu do século I d.C., trazendo uma mensagem escatológica com alguns traços apocalípticos. Ele anunciava um julgamento iminente e violento, que estaria por se abater sobre Israel, e contra o qual o povo pecador poderia proteger-se apenas através do arrependimento interior, da reformulação concreta da vida exterior e da aceitação do batismo único, administrado por ele próprio. Em sua prática de penitência, em sua utilização de um ritual de água e em sua crítica implícita ao templo e suas instituições como a forma de agradar a Deus e obter perdão, João tem algumas características em comum com outras figuras de judeus penitentes daquela época, na região do vale do Jordão, notadamente os membros da seita de Qumran. Porém, diz Meier, a conexão com Qumran, em especial o quadro romântico de João sendo educado numa escola preparatória no deserto da Judéia, pode ser exagerada. Certos traços diferenciam João da seita de Qumran e, na verdade, da maioria das outras formas de judaísmo da Palestina do século I. Esses traços compreendem um batismo único ligado à sua pessoa (tão ligado que acabou por constituir seu cognome), sua abrangência sobre todo Israel sem distinção e sem preocupação com detalhes da observância legal ou com a criação de uma nova seita dentro do judaísmo, e sua aparente despreocupação quanto ao futuro do templo de Jerusalém, mesmo que fosse purificado e restaurado. É difícil dizer o que João realmente esperava para o futuro próximo, em termos de julgamento e salvação. Ele fala da vinda de alguém superior a ele próprio, "alguém mais forte", que batizaria com o espírito santo, em oposição ao seu mero ritual de água. Mas não está claro se esse alguém mais forte seria um personagem angelical ou humano, um "Filho do Homem" celestial ou um Messias terreno, ou simplesmente o próprio Deus. Terminando quero ressaltar a análise da "narrativa da infância de João" em Lucas feita pelo coerente padre Meier (pp. 38-44).



No capítulo 13 ("Jesus com e sem João") o autor mostra como esse profeta escatológico, com sua prática do batismo, influenciou Jesus e fez com ele aderisse ao seu movimento no rio Jordão, por volta do ano 28 d.C. Meier mostra que ao aceitar o batismo de João, e portanto, presumivelmente, sua mensagem, Jesus no mínimo tornou-se, num sentido amplo, seu discípulo. O quarto evangelho nos concede indícios de que Jesus tenha permanecido no círculo mais íntimo dos discípulos de João. Em algum ponto, contudo, deixou esse grupo, possivelmente levando alguns dos antigos seguidores de João, para prosseguir com seu próprio ministério. Devo destacar duas importantes apreciações realizadas pelo autor: a primeira em relação as parábolas (pp. 178-224), o qual Meier nos concede uma "palhinha" de um dos temas que irá ser tratado no volume 4 dessa magnífica obra; a outra apreciação em relação ao documento Q (pp. 243-249), Meier refuta inúmeras idéias exageradas de muitos especialistas no tema, como John Kloppenborg, Burton L. Mack, e Migaku Sato.

Essa obra é, portanto, um marco no estudo do Jesus histórico. O autor esclarece o leitor sobre as dificuldades encontradas no decorrer desse estudo de forma lúcida, metodológica e abrangente. Não existe a possibilidade de se estudar e escrever sobre o Jesus histórico sem levar em consideração as conclusões do padre John Paul Meier. O livro é indispensável para católicos, protestantes e judeus que almejam um maior aprofundamento na vida e obra de Jesus e, juntamente, com as obras de outro erudito do Novo Testamento – o padre Raymond E. Brown – forma a biblioteca básica sobre o nascimento, vida e morte de Cristo para o século XXI.

Julio Fontana*

ⁱ Meier não superestima o valor histórico dos Evangelhos apócrifos.

* O autor está graduando em teologia e reside no Rio de Janeiro.